

ENGENHARIA E AMBIENTE RURAL: O GÊNERO NA AGRONOMIA

Rogério dos Santos Bueno Marques¹

Palavras-chave: Gênero, Engenharia, Agronomia, Poder, Hierarquizações.

Introdução

Com larga tradição na produção sociológica norte-americana, os estudos sobre ocupações e profissões vêm consolidando no Brasil, ampliando as possibilidades de análise sobre o mundo do trabalho. Neste trabalho parte-se do pressuposto de que as ocupações e profissões se constituem em elementos a partir dos quais é possível analisar a problemática do trabalho nas sociedades contemporâneas. Assim, uma cisão entre uma sociologia do trabalho e uma sociologia das profissões se revelaria infundada, já que no âmago das discussões de cada uma destas áreas de pesquisa está o trabalho enquanto categoria a ser discutida e problematizada. Uma abordagem sociológica sobre as profissões permite, pois, ligar corpos de conhecimento, discurso, disciplinas e campos aos meios sociais, econômicos e políticos por meio dos quais seus expoentes humanos podem ganhar poder e exercê-lo (FREIDSON, 1995).

Este trabalho objetiva interpretar as formas de hierarquização, representações e identidades de gênero que são produzidas entre engenheiros agrônomos. Recorre-se a uma reconstrução histórica de uma profissão masculinizada e da maneira com as quais as hierarquizações de gênero se manifestam no grupo ocupacional em questão. Outro objetivo é a compreensão da(s) maneira(s) maneiras de “burlar” estas hierarquizações – algo que se encontra pincelado nas estratégias de trabalho emocional e reposicionamento do *self* tal como se trata em diversos estudos (cf., por exemplo, JOGERSEN, 2002).

Busca-se através de uma articulação entre bases de dados quantitativas, entrevistas semi-estruturadas e uma pesquisa histórica sobre a profissão, a construção de das desigualdades de gênero na agronomia e de que maneira se manifestam relações e representações de gênero no interior deste grupo profissional.

Metodologia

Realiza-se primeiramente uma reconstrução histórica do processo de institucionalização da profissão de engenheiro agrônomo no Brasil e, em especial, dos processos de produção e institucionalização das desigualdades de. Para tanto, foi realizada uma busca em anais de congresso, atas de reuniões e publicações de associações de engenheiros

¹ Mestre em Sociologia. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
rogeriosbm@gmail.com

agrônomos, além de teses e dissertações que tratassem de algum aspecto da história do grupo profissional em questão.

Foram colhidos elementos que nos permitiram realizar uma interpretação dos processos de profissionalização, de uma divisão do trabalho, das desigualdades de poder no interior do grupo profissional, além dos impactos que as grandes mudanças nas formas organizacionais do trabalho e da produção têm sobre a identidade profissional e sobre o lugar do gênero no grupo profissional.

Nas entrevistas realizadas buscamos compreender através das histórias de vida de cada personagem a construção do sentimento de pertença à profissão, de uma identidade profissional e da construção da profissão nas interações sociais, nas escolhas de cada um e nos motivos que levaram a tais escolhas, nas opiniões e nas relações que estas experiências têm com os grandes debates que se sucederam nos congressos de profissionais da agronomia analisados desde o ano de 1963.

Por fim foi realizado um levantamento em bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS e CAGED) que objetivou compreender as diferenças salariais, de formas de contratação, de jornada de trabalho, além de possíveis correlações entre tais variáveis e a desigualdade de gênero entre engenheiros agrônomos.

Resultados e discussão

As diferenças ficam evidenciadas quando são levantados os dados referentes às faixas salariais mais baixas. Os diferenciais nas frequências se tornam maiores – com ocorrência maior de mulheres – na medida em que as faixas salariais ficam menores. O fato de se encontrarem salários menores para as mulheres é algo amplamente avaliado pelos estudos sobre trabalho e gênero.

Diferenças entre as frequências também se acentuam à medida em que aumenta a carga horária de trabalho semanal, neste caso com mulheres ocupando relativamente mais postos com jornadas em tempo parcial. Estes dados tendem a reforçar o que foi relatado no estudo de Ranson (2005) e Jorgensen (2002). A jornada de trabalho é um importante indicador das diferenças de tratamento e de possibilidades de trabalho dentro de uma determinada ocupação. Assim, num setor típico onde os engenheiros agrônomos atuam, o setor de serviços, e onde a maioria dos postos de trabalho formais se encontra em condições de jornada de trabalho flexível, é interessante notar a predominância da mão-de-obra feminina sob contrato temporários no setor de serviços, o que indica que as mulheres tendem a aceitar e se adaptar mais facilmente às condições de jornada de trabalho flexível.

Em texto redigido pela Associação dos Engenheiros Agrônomos do Ceará, na ocasião do VII Congresso Brasileiro de Agronomia, no ano de 1971, há um interessante apelo feito no sentido de que se colocasse em meio às proposições a serem discutidas no congresso, a situação da mulher na profissão, e o aproveitamento das profissionais em obras que demandariam a presença de profissionais da agronomia.

O que se deseja neste trabalho é ressaltar a construção histórica de uma profissão masculinizada e de que maneira as hierarquizações de gênero, dentre outras, se manifestam no grupo ocupacional. Além disto, busca-se entender de que maneira as mulheres interpretam tais desigualdades e lidam com este ambiente.

Conclusão

Importante ressaltar, pois, que o profissionalismo enquanto um modo de vivenciar, de encarar o trabalho, é um fenômeno em construção, e que um olhar sociológico se insere como um elemento importante para elucidarmos as diversas manifestações do trabalho nas condutas humanas. A questão da estratificação social é, como se pode constatar, um elemento-chave para compreendermos diferenças no mundo do trabalho, e, mais do que isso, percebermos como as relações de poder, a ação política, o conhecimento, as hierarquizações são construídas de maneira diferente em cada situação, em cada estrato social, em cada parcela da classe trabalhadora e, por fim, em cada profissão. Neste sentido as desigualdades de gênero são construídas e reproduzidas em grupos ocupacionais, e tendem a se manifestar por diversas maneiras, sejam nas condições de trabalho, tipos de contrato, nos cotidianos de trabalho na forma de preconceitos, na formação de nichos de mercado e de barreiras para ingresso em outras formas de ocupação além de diversos modos que o universo do trabalho permite vivenciar.

Referências bibliográficas

FREIDSON, Eliot. *Para uma análise comparada das profissões*. A institucionalização do discurso e do conhecimento formais. Trabalho apresentado no XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1995.

JORGENSEN, Jane. Engineering selves: negotiating gender and identity in technical work. *Managerial Communication Quarterly*. v. 15, n. 3, 2002, p. 350-380.

RANSON, Gillian. No longer “one of the boys”: negotiations with motherhood, as prospect of reality, among women in engineering. *Canadian Review of Sociology & Anthropology*. Montréal: Canadian Sociology and Anthropology Association, v.42, 2005.p. 145-166.